



## MASCULINIDADES EM "MAYOMBE" DE PEPETELA:

Silvio de Almeida Carvalho Filho (UFRJ/UERJ)

Examinamos nessa comunicação alguns aspectos de como a masculinidade é apresentada em um dos mais importantes livros da literatura angolana, *Mayombe*, escrito por Pepetela<sup>1</sup>, um dos mais expressivos intelectuais de Angola na atualidade. Essa obra, escrita em 1971, durante a participação do autor na guerrilha, estruturada pelo Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), na floresta do Mayombe em Cabinda<sup>2</sup>, contra a dominação colonial portuguesa, oferece-nos, enquanto nos deleita, um quadro sobre as masculinidades na guerrilha, com seus aspectos heróicos, peçados de sofrimentos e, às vezes, de morte, paradoxalmente, feitos para gerar uma nova perspectiva de vida em Angola. O livro *Mayombe* abre justamente prometendo “contar”, na verdade, alegoricamente, “a história de Ogum, o Prometeu africano”<sup>3</sup>, portanto, promete relatar a história de uma divindade yorubá masculina a qual equipara a um mito grego. Uma história sobre mitos masculinos africanos e ocidentais. Ogum é um orixá cheio de força e de masculinidade<sup>4</sup>, um guerreiro sanguinário insaciável, cujo próprio nome significava guerra<sup>5</sup>, portanto, por excelência, o deus da guerra e dos guerreiros<sup>6</sup>. Na verdade, não conta a estória de Ogum ou Prometeu, que é uma metáfora das estórias das masculinidades guerrilheiras apresentadas pelo livro.

Nessa breve comunicação, ressaltaremos a posição aí emergente quanto à construção de gênero masculino, algumas das características a ele atribuídas, o papel da violência na sua estrutura, alguns aspectos de sua relação com o trabalho intelectual, com a paternidade e com o gênero feminino. A concepção de masculinidade, emergente no texto, acha-se enquadrada pela exaltação da masculinidade guerrilheira de cunho revolucionário-socialista, valorizada em um período, no

<sup>1</sup> Pepetela. 1985. *Mayombe*. 3 ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

<sup>2</sup> SANTOS, Lusinete Barbosa dos & SILVA, Osni de Oliveira. *Mayombe: a luta de libertação de um povo*. In: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **História e cultura afro-brasileira e africana: educando para as relações étnico-raciais**. Curitiba, 2006, p. 26-28 Disponível em:

[http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/diaadia/religioso/arquivos/File/cadernos/Afro\\_II.pdf](http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/diaadia/religioso/arquivos/File/cadernos/Afro_II.pdf) Acesso 28 maio 2008, p. 27; Serrano, Carlos. O romance como documento social: o caso de *Mayombe* **Via Atlântica**, n. 3, dez. 1999, p. 132-139. Disponível em [http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03\\_11.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_11.pdf) Acesso em 23 jul. 2008, p. 134.

<sup>3</sup> Pepetela, 1985, p. 9.

<sup>4</sup> Segato, Rita Laura. **A Tradição Afro-brasileira frente à Televisão ou Duas Mortes entre a Ficção e a realidade**. Brasília: 1991. Disponível: [Som da Tinta](http://somdatinta.blogspot.com/2006/05/som-da-tinta.html) (blog). Disponível em: <http://somdatinta.blogspot.com/2006/05/som-da-tinta.html> Acesso em 24 abr. 2010.

<sup>5</sup> Pinheiro, Giovanna Soalheiro. s.d. Sônia van Dijck. Crítica: Uma voz feminina em busca de expressão In: **Literafro**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/soniavan/comentario.pdf> Acesso em 29 abr. 2010, p. 4.

<sup>6</sup> Prandi, s. d.; Leite, 1987, p. 40.



qual o MPLA recebe, desde 1967, o apoio dos esforços cubanos revolucionários de cunho internacionalista.<sup>7</sup>

Quando refletimos sobre a masculinidade em *Mayombe*, vemo-na como um gênero que envolve uma “constelação de significados” dados pelas culturas existentes em Angola então, em especial em uma situação de guerra, ao sexo masculino. O gênero masculino, para nós, é um sistema simbólico, pleno de significados, de maneiras de pensar, de imagens e palavras, um discurso cultural organizador de como os homens, nesse texto literário, experimentaram, modelaram-se, compreenderam-se e se representaram a si mesmos como homens frente a outros homens e frente às mulheres. Supõe penetrar em um sistema simbólico, nos quais algumas características são atribuídas como predominantemente masculinas. Será que encontramos nessa obra os mesmos pares dicotômicos tão comuns ao mundo ocidental, tais como razão ao sentimento; objetividade à subjetividade; agressão à passividade; confrontação à acomodação; o político ao pessoal? Nessas oposições, o primeiro termo frequentemente é associado com o masculino e o segundo termo com feminino.<sup>8</sup>

Verificamos que os guerrilheiros de Mayombe foram “encorajados a aspirar uma masculinidade que é caracterizada por relações mútuas de estoicismo, falocentrismo e dominação de indivíduos mais fracos, competitividade e façanhas heróicas”. Nessa obra, a masculinidade de um homem era afirmada através da realização pública desses valores, assim como os atos e rituais militares representaram “o apoio público de tais valores e a sua institucionalização na cultura” nacional que o MPLA pretendia construir para Angola.<sup>9</sup>

A terceira edição angolana da obra, editada em junho de 1985, utilizada por nós, além do texto escrito, possui ricas gravuras de Henrique Abranches, famoso escritor, antropólogo, artista plástico e professor angolano<sup>10</sup>, criador dos primeiros museus da Angola independente, que ilustram vários momentos da obra. Ele as desenhou na guerrilha do Mayombe, da qual, também, participou. Pepetela pediu a sua autorização para serem usadas na capa e ao longo do livro já na sua primeira

---

<sup>7</sup> MPLA/ Centro de Documentação e Investigação Histórica do Comitê Central do MPLA. 2008. **História do MPLA. 2 v. (1967-1976)**. Luanda, p. 42 e 63; Hodges, Tony. 2003. **Angola. Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem**. Cascais (Portugal): Principia, p. 29 e 82.

<sup>8</sup> Cohn, Carol. 2000. Wars, Wimps, and Women: talking gender and thinking war. In: Kimmel, Michael S. & Aronson, Amy (ed.). *The Gendered society Reader*. New York: Oxford University Press, 2000, pp. 362-375, p. 364.

<sup>9</sup> HIGATE, Paul & HOPTON, John. 2005. War, Militarism and Masculinities In: KIMMEL, Michael S.; HEARN, Jeff & CONNELL, R. W.. **Handbook of studies on Men & Masculinities**. Thousands Oaks (California) / London/ New Delhi: Sage Publications, p. 432-447, p. 433.

<sup>10</sup> HENRIQUE ABRANCHES. Disponível em: <http://betogomes.sites.uol.com.br/HenriqueAbranches.htm> Acesso em 2 maio 2010.



edição. Segundo Pepetela, os originais perderam-se só restando o que ficou no livro.<sup>11</sup> Elas retratam primordialmente os guerrilheiros em suas ações e revelam imagetivamente mensagens subliminares sobre o ideal de masculinidade presentes na guerrilha.

Percebemos a Masculinidade como uma construção social historicizada, produzida dentro de relações de poder, que faz do ser humano “um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como sua” e que, frequentemente, julga sua.<sup>12</sup> O Outro, portanto, o que está fora do indivíduo, é importante no processo de construção da masculinidade, inclusive, esse Outro constituído por aqueles que assumiram valores da masculinidade prevaletentes em um grupo. A fala de um dos personagens, Teoria, o professor da base guerrilheira, testemunha esse processo:

É como se eu fosse dois: um que tem medo, sempre medo, e um outro que se oferece sempre para as missões arriscadas, que apresenta constantemente uma vontade de ferro... Há um que tem vontade de chorar, de ficar no meio do caminho, [...] e outro que diz que não é nada que pode continuar. Porque há os outros! Sei que sozinho, sou um covarde, seria incapaz de ter um comportamento de homem. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar-me as reações, a ver se dou um passo em falso [...], a segunda pessoa que há em mim predomina e leva-me dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado, porque não posso recuar... É duro!<sup>13</sup>

Teoria declara, aqui, explicitamente que as atitudes audazes que se espera da masculinidade guerrilheira são em grande parte fruto do que o Outro estipula para ela. Ou seja, a nossa masculinidade é constituída pelo que fazemos do que os outros nos dizem do que deve ser o masculino. Aceitar, rejeitar e recriar é um produto do indivíduo, mas a matéria-prima desse artefato, em grande parte, advém de fora.

O enfrentamento, ou seja, o encarar, responder e agir com frontalidade, uma das características básicas atribuídas à masculinidade, torna-se uma qualidade apontada nos guerrilheiros do MPLA no Mayombe. O primeiro capítulo, A Missão, abre-se nas páginas 10 e 11 com uma gravura de Henrique Abranches exibindo um grupo de guerrilheiros com catanas e espingardas, tendo um deles a erguer e a todos amostrar uma bandeira do MPLA, unindo, assim, a masculinidade no exercício da força e da frontalidade à luta desse movimento no intuito de hegemonizar a nação.<sup>14</sup>

A frontalidade também se revela no texto através da ação de desbravar o território da floresta do Mayombe. O ato de desbravar espaços constantemente reservado primordialmente à direção masculina. aqui também aparece como uma prática guerrilheira. O autor abre a obra com

<sup>11</sup> Pepetela, correspondência eletrônica a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 3 de maio de 2010.

<sup>12</sup> Pez, Tiaraju Dal Pozzo. **Pequena Análise sobre o Sujeito em Foucault: A Construção de uma Ética Possível.** Disponível em <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPez.pdf> Acesso em 24 de junho de 2010, p. 1, cf. p. 2 e 4.

<sup>13</sup> Pepetela, 1985, p. 51-2.

<sup>14</sup> Pepetela, 1985, p. 10 e 11



uma dedicatória a esses soldados, entre os quais, se inclui, sem dizê-lo, pois foi um combatente na região no mesmo período em que escreveu a obra:

Aos guerrilheiros do Mayombe,

Que ousaram desafiar os deuses, abrindo um caminho na floresta escura [...] <sup>15</sup>

Portanto, a intrepidez é um distintivo que qualificava e engrandecia a masculinidade guerreira, sendo as bravuras militares celebradas abertamente na esfera pública. Não é também fortuito que o grande herói do livro, o Comandante Sem Medo, expresse esse valor no próprio cognome que lhe deram na guerrilha.<sup>16</sup> Por isso, o narrador em *Mayombe*, exaltando essa qualidade no protagonista Comandante Sem Medo, afirmava que ele fora um “guerrilheiro de Henda”<sup>17</sup>, em outras palavras, de Hoji ya Henda, cognome do Comandante José Mendes de Carvalho, um herói angolano, morto, em Karipande, aldeia no Alto Zambeze, na província angolana de Moxico, na luta guerrilheira em 1968, tornado mais tarde patrono da juventude angolana.

Conjuga-se, portanto, a frontalidade com a competência de não expressar medo, mesmo que o possua, essa qualidade será valorizada na masculinidade de cunho guerreiro. É justamente o Comandante Sem Medo que consegue arrancar de Teoria, o professor na guerrilha, a confissão de que possui medos e de que são constituídos. Teoria será aquele que discorre sobre como faz para enfrentar o pavor: oferece-se sempre “para as missões arriscadas”.<sup>18</sup> Criava assim, dentro de si uma antinomia que não podia externalizar: aquele que tinha receio era o que externamente demonstrava grande disponibilidade para enfrentar as tarefas perigosas, ou seja, vencia-o, não fugindo das situações que o criavam, mas as encarando. A masculinidade guerreira valorizava a capacidade de enfrentar e de não demonstrar publicamente o medo, realizando as ações de bravura sem titubeios.

A força física sempre foi admirada como um atributo valorizado no corpo masculino, portanto, ter músculos delineados, é frequentemente tomado como indicador de virilidade e de beleza masculina. Isso não é só apreciado pelas mulheres nos homens, mas o texto de *Mayombe* revela que mesmo o viril Comandante Sem Medo admirava a beleza física musculada de outro guerrilheiro, o Comissário Político.<sup>19</sup> Na verdade, esse admirar de um homem pela beleza de outro não se devia expressar publicamente. Isso não ficaria bem para os valores masculinos hegemônicos na guerrilha, poderia revelar um indício de homoerotismo. Mas um narrador onisciente pode revelar as percepções íntimas dos personagens masculinos e dizer o que eles não poderiam.

<sup>15</sup> Pepetela, 1985, p. 9.

<sup>16</sup> Pepetela, 1985, p. 51-2; cf. Higate & Hopton, p. 433, 443.

<sup>17</sup> Pepetela, 1985, p. 18.

<sup>18</sup> Pepetela, 1985, p. 51-2.

<sup>19</sup> Pepetela, 1985, 21,



A guerrilha em Angola como uma força armada representava uma instituição masculinista exemplar em termos de seus valores dominantes e da divisão de trabalho generificada, daí a reafirmação da masculinidade de cunho frontal, agressivo e guerreiro, daí a pouca participação feminina nela. No pelotão guerrilheiro de *Mayombe*, não há mulheres, todos os guerrilheiros são homens que tendem a se conformar as ideologias dominantes do que é ser homem em Angola, no momento.<sup>20</sup> Sabemos da existências de várias mulheres que lutaram na guerrilha e que se tornaram heroínas. Mas o mundo de *Mayombe* é um mundo masculino, no qual a mulher está presente em pouquíssimos momentos, como na base guerrilheira de Dolisie, atual Lubuomo, na província de Niari, na República do Congo: no mais permanece nas lembranças e nos desejos.

A guerrilha em *Mayombe* demonstra que a guerra confirma e reforça a necessidade dos homens continuarem a aspirar uma masculinidade pautada por relações mútuas inter-masculinas caracterizadas pelo estoicismo, pelo falocentrismo, pelo sentido de honra, fidelidade, pela competitividade, pela valorização das façanhas heróicas, pelo horror à covardia e à traição, assim como pela dominação dos indivíduos mais fracos.<sup>21</sup> *Mayombe* corrobora a presença da “relação recíproca entre militarismo e masculinidade”, no qual o primeiro alimenta-se nas ideologias da segunda através “do estoicismo, do assumir riscos e [...] a violência letal”.<sup>22</sup> A organização e as práticas militares no texto de Pepetela proclamam constantemente esses valores.

À masculinidade guerreira, é exigida destreza, agilidade. Ser um bom militar, possuir qualidades bélicas engrandecem um homem, por isso o guerrilheiro Milagre orgulhava-se de manusear a bazuka, nome popular de uma arma portátil em forma de tubo, usada para penetrar tanques e veículos blindados, e conseguir um “tiro certo” com ela para fazer travar “caminhões carregados de tropa”. Todavia, qualquer falha é constantemente punida, por isso, o guerrilheiro Ekuikui é reprimido por ter tido um dinheiro roubado por outro colega enquanto dormia, pois um guerrilheiro dorme “só com um olho”. Mesmo, a memória dos guerrilheiros sobre outras operações revela uma rigidez dos comandos para com os deveres draconianos a cumprir na guerrilha. O Comandante Sem Medo, por exemplo, relata que, apesar de ferido, foi punido, na época, pelo seu Comandante Hoji ya Henda, por ter perdido o cantil e o cinturão para o inimigo.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Cf. Higate & Hopton, p. 443.

<sup>21</sup> LEITE, Ana Mafalda. A discursividade épica em *Mayombe* e a condição humana In: Fundação Calouste Gulbenkian. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Compilação das comunicações apresentadas durante o Colóquio sobre Literatura dos Países Africanos de Língua Portuguesa realizado na sala Polivalente do Centro de Arte Moderna em julho de 1985. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Acarte, 1987, p. 35-43, p. 38. Higate & Hopton, p. 433.

<sup>22</sup> Higate & Hopton, p. 434, 443.

<sup>23</sup> Pepetela, 1985, p. 41, cf. 49- 50.



Uma das características reveladoras de masculinidade no texto é capacidade de suportar estoicamente a dor sem queixas, qualidade essa muito demandada e admirada na masculinidade guerreira. A aptidão de ultrapassá-la e de aturá-la forma aquilo que se toma como próprio do masculino. Dentro desse modelo, o Comandante Sem Medo, um dos protagonistas do livro, sustenta que “há vezes em que um homem precisa de sofrer [...] e precisa de ultrapassar o sofrimento”.<sup>24</sup> Reclamar da dor constantemente, não revelando capacidade de tolerá-la além do limite do suportável, exprime fragilidade, considerada um decréscimo de virilidade, daí um personagem, o Teoria, o professor da base guerrilheira, tenta, no primeiro capítulo do livro, “A Missão”, “esconder o sofrimento”<sup>25</sup> provocado por um ferimento, procurando exercer todas as tarefas da guerrilha para que o batalhão não seja desfalcado em sua potencialidade de combate. Sendo questionado, se conseguiria participar das operações com uma perna ferida, Teoria assevera que poderia, para provar, correr naquele momento apesar de machucado. Na verdade, isso é um dos correlatos do ditado “homem que é homem não chora”. Durante grande parte da ação, Teoria suporta uma perna machucada, procurando ter sempre uma atitude positivada sobre o fato.<sup>26</sup> Assim, cumpre-se aqui uma característica da masculinidade na guerra e na vida em geral: ela deve ser constantemente provada e atestada, inclusive no enfrentamento das dificuldades e da dor.

Mas a guerra não torna só a dor uma dificuldade a vencer, outras privações estão sempre a aparecer: uma delas pode ser ter de aceitar a falta de provisão alimentar como se descreve em *Mayombe*. No texto, o preço de conseguir mais uma operação ofensiva contra os portugueses é não voltar à base guerrilheira, onde se encontraria fornecimento de alimentos e isso significaria passar dois dias sem se alimentar.<sup>27</sup> Mas a causa de luta nacional exige demonstrar força frente aos colonizadores, quando ainda não se tem superioridade e ainda se está muito aquém da supremacia na correlação de forças. Portanto, suportar a fome é algo passível de se demandar à masculinidade guerreira.

Em *Mayombe*, valora-se, no masculino, os ideais de defesa de uma nação que ainda está a se constituir. Se a sustentação da pátria é algo que cabe a todos, aos homens, ela exigida sem concessões. Não defender a pátria, não dispor a sua vida por ela, não é só um sinal de fraqueza, mas de não masculinidade. Ao homem cabe defender a honra não só da mulher, mas da pátria,

---

<sup>24</sup> Pepetela, 1985, p. 16.

<sup>25</sup> Pepetela, 1985, p. 13, cf. p. 30.

<sup>26</sup> Pepetela, 1985, p. 15, 50.

<sup>27</sup> Pepetela, 1985, p. 47, 49.



frequentemente associada à imagética feminina. As masculinidades valorizadas em Mayombe estão pejadas de discurso nacionalista.<sup>28</sup>

Eclode nitidamente nas linhas do texto a separação que se estabelece entre as masculinidades que se impõem pelo exercício intelectual e as mais nitidamente manuais ou braçais. A masculinidade de um intelectual era visualizada, mesmo na guerrilha do Mayombe, ficcionada por Pepetela, pelo não exercício do trabalho manual. Sobre Mundo Novo, um dos guerrilheiros, o narrador pontua que ele tinha “mãos [...] finas e as unhas compridas. Um perfeito intelectual...”<sup>29</sup>, portanto, alguém que não tem mãos calejadas e marcadas por um trabalho rude. Há, por conseguinte, nesse meio guerrilheiro não só uma valorização da força física, da bravura, mas da razão. Afinal, a guerra não se ganha apenas pela força, mas pela inteligência dos estrategos e pelo moral ideológico dos soldados. Há aí funções tipicamente intelectuais valorizadas no militar. Daí, aqueles, que se sobressaíam por uma função intelectual, serem poupados e privilegiados em determinados momentos. Desse modo, um militar que exercesse uma função eminentemente intelectual podia não ter que realizar algumas atividades bélicas, mesmo participando da guerrilha.<sup>30</sup> Pelo texto de *Mayombe*, por exemplo, os professores das bases guerrilheiras não precisavam fazer guarda defensiva à noite.

A função intelectual é, outrossim, uma masculinidade exercida pela retórica e pela razão do politicamente correto ou vetado. O personagem do Comissário Político representa uma função existente no seio político do MPLA para alinhar as ações sociais, inclusive as de guerra, dentro de um cunho revolucionário, então, definido pelo movimento de libertação. Ele era considerado como o guardião da “posição política justa”.<sup>31</sup> A sua masculinidade impõe-se em um corpo de guerrilha não pela força, mas pela veemência da palavra, pelo argumentar político, revelando o bem-dito e o interdito. A sua autoridade afirma-se pela razão política e sua função de interditar cumpre bem a função de pai, aquele que diz o sim e o não.

A participação na guerra, como regra, afasta o homem da presença feminina mais constante, tornando-se essa uma lembrança, um desejo, uma relação, frequentemente relacionada ao lar, à companhia, ao carinho ou ao sexo, afirmando-se um eixo relacional: lar-mulher. Essas correlações culturais desabrocham em um dos guerrilheiros, o Chefe de Operações, ao lembrar nostalgicamente

---

<sup>28</sup> Higate & Hopton, p. 441.

<sup>29</sup> Pepetela, 1985, p. 30.

<sup>30</sup> Pepetela, 1985, p. 18.

<sup>31</sup> Pepetela, 1985, p. 17.





de sua “casa quente de Dolisie, com a mulher ao seu lado”. É a falta que marca fortemente uma presença.

Mesmo falando de guerra, as reminiscências dos homens trazem ao texto questões de vida. Nelas, aparecem o tema do exercício da paternidade. Essa é, em geral, considerada algo mais difícil de se exercer para o homem do que a maternidade para a mulher. Essa tônica é confirmada pelo narrador em *Mayombe* ao descrever como Teoria abandonou uma mulher grávida, nunca pretendendo ver o filho que nela gerara. Não havendo no relatar desse fato sinais de constrangimento ou reprovação.

Pelo exposto acima, esse texto literário discute a questão da masculinidade em vários aspectos, muitos aqui não tratados pela exigüidade do espaço reservados a uma comunicação em congresso científico. Ressaltamos, contudo, como a literatura oferece-nos ricas reflexões sobre esse gênero. Passando pela escrita e pela imagética, várias variáveis que afetam ou conformam as masculinidades, sob a hegemonia do talhar bélico, são discutidas e expostas. Analisando-se implicitamente o seu processo de construção, as suas características e imposições, *Mayombe* de Pepetela revela como a fonte literária, como uma antropologia das antropologias.